

# MATERIAL DIDÁTICO

---

Programa Educativo  
Fundação Iberê Camargo

## LIBERDADE EM MOVIMENTO

Adotado esporadicamente desde a década de 1920, o caminhar se consolida e é difundido como prática artística a partir do final dos anos 60, mais ou menos no mesmo período em que a Internacional Situacionista e seu *mâitre a penser* Guy Debord, autor do clássico *Teoria da deriva*, abandonam a atividade artística em favor de um engajamento político explícito e militante, motivado pelos acontecimentos de 1968. Próximas das derivas situacionistas, as ações dos artistas que, ao redor do mundo, se lançam a andar sem muito mais do que “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” (como diria em âmbito brasileiro e de uma perspectiva distinta, mas de certa maneira complementar, Glauber Rocha) buscavam consolidar a ideia de uma arte não comercializável, que pudesse minar as bases da sociedade capitalista recusando a obrigação de produzir obras tangíveis e vendáveis. Em alguns casos, essas ações se opunham diretamente ao clima político em que foram concebidas, mas logo o “campo expandido do movimento” se firmou em contextos menos conflituosos, resistindo como técnica artística até os dias de hoje, apesar das mudanças do clima político.

O conflito entre a unicidade e a efemeridade da ação e o registro que, apesar de incompleto, é o que sobra dela e passa a ser conhecido pelo público constitui, sem dúvida, uma das idiosincrasias mais fascinantes e inegáveis do âmbito do movimento. Qualquer relato ou registro de uma ação é, por sua própria natureza, parcial, já que condensa algo muito maior: uma ação com uma determinada duração no tempo e extensão no espaço, um desenvolvimento, um acúmulo de experiências. Ao trabalharem frequentemente com materiais frágeis e em constante transformação (gelo, neve, areia, terra, etc.), os artistas evidenciam essa condição, ao passo que apontam para a possibilidade de se criar laços mais duradouros, e uma noção de comunidade real e profunda, exatamente através do momento, do ato, do movimento que precisam ser vivenciados e experimentados. A disposição para entregar o aspecto final da obra ao acaso, pelo viés da intervenção mais ou menos direta dos outros, confirma o desinteresse dos artistas aqui reunidos para um objeto artístico convencional, perfeitamente acabado. Mesmo quando acontece em completa solidão, mais do que produzir algo novo essas ações visam à fusão do artista com o espaço, à simbiose com a sociedade. As trilhas espontâneas que se formam, em Brasília, em aberta contraposição e contravenção ao traço livre e poético, mas raramente prático, de quem desenhou a capital, sintetizam perfeitamente essas considerações: o movimento é o caminho para a liberdade.

Jacopo Crivelli Visconti  
Curador da exposição

## BIOGRAFIAS

**ALLORA E CALZADILLA** Jennifer Allora nasceu no ano de 1974 na cidade da Philadelphia, Estados Unidos. Guillermo Calzadilla nasceu em 1971 na cidade de Havana, Cuba. O casal atualmente vive e trabalha em San Juan, Porto Rico. Allora é bacharel pela Universidade de Richmond e mestre pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). Calzadilla é bacharel em artes plásticas pela Escuela de Belas Artes de San Juan, Porto Rico, e mestre em artes plásticas pela Bard College, em Annandale-on-Hudson, Estado de Nova Iorque.

O casal de artistas começou a produzir em parceria em 1995 e, desde então, tem uma vasta produção, sempre interessado em experimentar diferentes mídias e materiais. Seus trabalhos se apresentam como híbridos de escultura, fotografia, performance, vídeo e som. No que tange à temática das obras, ambos se interessam por questões como autoria, nacionalidade, fronteiras e democracia, procurando estabelecer relações entre os objetos e seus significados. A primeira exposição individual de Allora e Calzadilla, "Charcoal Dance Floor", ocorreu em 1997, na Galeria Luigi Marrozzini, em San Juan, Porto Rico. O casal tem participado de diversas mostras, nacionais e internacionais. Entre elas estão as individuais no Walker Art Center, em Minneapolis (2004); na Kunsthalle, em Zurique, e na Renaissance Society, na Universidade de Chicago (2007). No ano de 2006 foram finalistas do Prêmio Hugo Boss do Museu Guggenheim e do Prêmio Nam June Paik. No Brasil, a dupla participou da 24ª Bienal Internacional de São Paulo (1998); da Utopia Station do Fórum Social Mundial, realizado na cidade de São Paulo (2005) e da 6ª e 9ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2007 e 2013).

**ANDRÉ SEVERO** Nasceu em 1974, na cidade de Porto Alegre, Brasil, onde vive e trabalha atualmente. Realizou sua formação acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, tendo concluído a graduação em artes plásticas no ano de 1998 e o mestrado em poéticas visuais em 2007. Em 2000, juntamente com Maria Helena Bernardes, deu início ao projeto *Areal*, uma ação de arte contemporânea que busca experiências transitórias e deslocadas dos centros urbanos e suas instituições culturais.

Nos anos seguintes, publicou *Consciência errante*, quinto volume do Documento Areal (2004), e desenvolveu, junto com Marcelo Coutinho, o projeto *Dois vazios*, que traça aproximações entre as artes plásticas e o cinema e também entre o pampa gaúcho e o sertão nordestino (2007). Como parte de seu envolvimento com o projeto pedagógico da Bienal do Mercosul (2009), publicou *Histórias de península e praia grande/ Arranco*, com diversas narrativas orais colhidas na metade sul do Rio Grande do Sul e também um filme. Severo também trabalhou como curador nas mostras "Horizonte expandido", junto com Maria Helena Bernardes (2010), e na 30ª Bienal de São Paulo (2011).

**CLARISSA TOSSIN** Nasceu em 1973, na cidade de Porto Alegre, Brasil. Vive em Los Angeles, Estados Unidos. Tossin passou sua infância e juventude em Brasília, Distrito Federal. A cidade projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e pelo urbanista Lúcio Costa, símbolo maior do modernismo na arquitetura brasileira, causou grande efeito sob a artista, influenciando sua temática e figurando em alguns de seus trabalhos posteriores. Sua formação como artista começou na Fundação Álvares Penteado, em São Paulo, onde obteve o grau de bacharel em artes plásticas no ano de 2000. Nove anos depois, já morando nos Estados Unidos, concluiu o mestrado em artes plásticas no California Institute of the Arts, na cidade de Valencia, Califórnia.

A artista trabalha com fotografia, vídeo, performance e instalação, desenvolvendo uma investigação crítica acerca da modernidade nos mais diferentes contextos globais, especialmente no Brasil. Sua produção enfatiza, através de formas visuais e espaciais, questões e reflexões surgidas ao longo do processo, como é o caso de *Brasília by Foot* (2009). Recentemente, concluiu a Artpace International Residency, em Los Angeles. Também participou de residências no Museum of Fine Arts, Houston (2010-2012) e na Fundación Botín (2010), entre outras. Seus trabalhos estão nas coleções do Museum of Fine Arts, Houston, e da Kadist Art Foundation, Paris/São Francisco.

**EMILY JACIR** Nasceu em 1970, na cidade palestina de Belém, Cisjordânia. Vive entre as cidades de Nova Iorque, EUA e Ramallah, Palestina. Jacir passou sua infância na Arábia Saudita; na adolescência, mudou-se para Roma, onde cursou o ensino médio. Em 1992 obteve o grau de bacharel em artes plásticas pela Universidade de Dallas, no Texas e, dois anos depois, o de mestre em artes plásticas pela Memphis College of Art, no Estado do Tennessee. Durante o período de 1998 a 1999, participou do Whitney Independent Study Program.

Jacir começou a sua carreira como artista no ano de 1994. Em 1998, enquanto residia em Paris, desenvolveu seu primeiro trabalho que rompia com sua educação formal e clássica em pintura e escultura. Na performance *Change/Exchange* a artista trocou uma nota de cem dólares por francos, depois esses francos resultantes mais uma vez em dólares e assim sucessivamente, até sobraarem apenas umas poucas moedas. No mesmo ano, desenvolveu o trabalho *From Paris to Riyadh (drawings for my mother)*, marcando uma mudança em sua produção ao incorporar atitudes políticas em sua investigação artística. Entre suas principais exposições estão a individual no Guggenheim, em Nova Iorque (2009) e no Beirut Art Center (2010). Também participou da 8ª Bienal de Istambul (2003); da Documenta 13, em Kassel (2012); e da 51ª, 52ª e 53ª Bienal de Veneza (2005, 2007, 2009). Em 2007 ganhou o Leão de Ouro da Bienal de Veneza e, no ano seguinte, o Prêmio Hugo Boss do Museu Guggenheim por conquistas significativas em arte contemporânea.

**FRANCIS ALÿS** Nasceu no ano de 1959, na cidade de Antuérpia, Bélgica. Vive e trabalha na Cidade do México. Alÿs estudou arquitetura no Institut Supérieur d'Architecture, em Tournai, Bélgica (1978-1983) e no Instituto Universitario di Architettura, em Veneza, onde obteve o grau de mestre (1986). Logo após a conclusão do curso de mestrado, Alÿs decidiu mudar-se para a Cidade do México. Longe da Europa, foi justamente do confronto com os problemas urbanos e com a inquietação social presenciados na América Latina que surgiu o desejo de tornar-se artista. Por meio de ações públicas, vídeo, pintura e desenho, o artista explora temas como a definição de fronteiras nacionais, regionalismo, globalização, áreas de conflito e comunidade.

Desde 1991, tem participado de diversas mostras ao redor do mundo. Dentre as instituições que receberam exposições individuais do artista estão: The Museum of Modern Art, Nova Iorque; Museo d'Arte Contemporanea, Torino, Itália; Kunsthalle Zurich, Suíça; Museo de Arte Reina Sofia, Madri; Kunst-Werke, Berlim e Witte de With, Rotterdam, Holanda. Também participou da Bienal de Havana (1994 e 2000); da Bienal de Istambul (1999 e 2001); da Bienal de Shangai (2002), da Bienal de Veneza (1999, 2001 e 2007); da Bienal Internacional de São Paulo (1998, 2004 e 2010); da Bienal do Mercosul (2007 e 2009) e da Documenta 13, em Kassel, Alemanha (2013).

# ATIVIDADES

Sugerimos algumas atividades a partir da exposição “Liberdade em movimento”. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

## 1. OUTRAS FORMAS DE CAMINHAR

Muitos artistas que integram a exposição “Liberdade em movimento” encontram na caminhada sua principal ferramenta de trabalho. Com isso, seus trabalhos dialogam com a paisagem, a história e os habitantes de determinado local. Discuta com a turma o que a ação de caminhar significa para cada um. Todos caminham da mesma forma? A seguir, divida a turma em grupos e peça que cada um deles invente uma forma diferente de caminhar, como andar de lado, de costas, com um pé na frente do outro ou sem tirar os pés do chão. Os alunos devem andar durante todo o período da aula dessa maneira. Ao final da experiência, pergunte como o exercício afetou o modo como eles percebem o espaço.

Em um segundo momento, analise com os alunos o modo como as pessoas costumam circular pela escola. Quais são os trajetos mais frequentes? Que locais são pouco visitados? A seguir, planeje com a turma uma intervenção no espaço escolar com o intuito de quebrar essa rotina. Para explorar novos caminhos e pontos de vista, os alunos podem revestir áreas, deslocar objetos ou instalar cartazes com informações e instruções.

## 2. ANDAR SEM RUMO

“Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao andar”, dizia o poeta espanhol Antônio Machado. Converse com a turma sobre as diferenças entre caminhar com um destino específico e caminhar só por caminhar, decidindo o trajeto durante a ação. Esse tipo de prática foi adotada por artistas que procuravam se libertar da lógica e dos direcionamentos cotidianos para explorar os encontros inesperados com a vida das ruas.<sup>1</sup>

Convide a turma para realizar uma caminhada exploratória no entorno da escola. Essa caminhada deverá ser feita em um ritmo mais lento e sem um trajeto predeterminado. Durante a experiência, cada um deverá registrar suas impressões do espaço percorrido da maneira que achar mais interessante. É possível desenhar, escrever, contar os passos, filmar, fotografar, etc. Ao voltar para a sala de aula, compare os registros feitos pelos alunos. Todos perceberam o local do mesmo modo? Que elementos mais chamaram a atenção da turma?

## 3. ENTRE O HUMANO E O INANIMADO

A opção por realizar ações nas ruas acaba trazendo questões políticas para a produção de artistas como Allora e Calzadilla e Francis Alÿs. Interferências artísticas também podem proporcionar algum tipo de transformação social, seja ela temporária ou permanente, política ou poética.

Faça um levantamento com a turma dos lugares da cidade ou da escola que eles gostariam de modificar. O que poderia ser feito para melhorar esses espaços, considerando os interesses e as necessidades da comunidade que os frequenta? A seguir, elejam uma dessas ideias para ser colocada em prática. Ajude os alunos a dividir tarefas e planejar um cronograma de ação, incluindo a reunião de autorizações e materiais necessários. Depois que a intervenção for concluída, converse com os alunos sobre seus resultados. Que transformações sua atuação trouxe para a área? Os objetivos iniciais foram alcançados? A turma considera o trabalho realizado uma atividade artística? Por quê?

<sup>1</sup> Entre exemplos históricos de caminhar como experiência artística estão as deambulações surrealistas realizadas pelo grupo de André Breton entre as décadas de 1920 e 1930 e as derivas situacionistas teorizadas por Guy Debord no final dos anos 1950.

## SUGESTÕES DE LEITURA

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ALÿS, Francis. "Walking the Line: Francis Alÿs interviewed by Anna Dezeuze". *Art Monthly*, nº 323. Londres, fevereiro de 2009.

BELCOVE, Julie. "Walkabout". *The New Yorker* (7 Jan, 2013). Disponível em <<http://www.davidzwirner.com/wp-content/uploads/2013/01/130107-FA-The-New-Yorker-Belcove1.pdf>>.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009.

CANONGIA, Ligia. *O legado dos anos 60 e 70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org.). *Escritos de artistas anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). *Apologia da Deriva - escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

McKEE, Yates. "Wake, Vestige, Survival: Sustainability and the Politics of the Trace in Allora and Calzadilla's Land Mark". *October*, n 133, p. 20-48, Summer 2010. Disponível em <[http://gladstonegallery.com/sites/default/files/October\\_Summer\\_10\\_e.pdf](http://gladstonegallery.com/sites/default/files/October_Summer_10_e.pdf)>

SAID, Edward. "Emily Jacir: Where We Come From". *Grand Street*, n 72. Disponível em <<http://www.grandstreet.com/gissues/g72/g72d.html>>.

SEVERO, André. *Consciência errante*. São Paulo: Escrituras, 2004.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. *Liberdade em movimento*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Novas derivas*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

## INTERNET

[www.andresevero.com](http://www.andresevero.com)

[www.clarissatossin.net](http://www.clarissatossin.net)

[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)

[www.moma.org](http://www.moma.org)



Fundação Iberê Camargo

## Fundação Iberê Camargo

### Conselho Superior

Beatriz Johannpeter  
Bolivar Charneski  
Christóvão de Moura  
Cristiano Jacó Renner  
Eduardo Haesbaert  
Istelita da Cunha Knewitz  
Jayme Sirotsky  
Jorge Gerdaou Johannpeter  
Justo Werlang  
Lia Dulce Lunardi Raffainer  
Maria Coussirat Camargo [in memoriam]  
Mariza Fontoura Carpes Asquith  
Renato Malcon  
William Ling

### Presidente do Conselho Superior

Maria Coussirat Camargo [in memoriam]

### Vice-Presidente do Conselho Superior

Jorge Gerdaou Johannpeter

### Diretor Presidente

Felipe Dreyer de Avila Pozzebon

### Diretor Vice Presidente

Rodrigo Vontobel

### Diretoria

Carlos Cesar Pilla  
José Paulo Soares Martins  
Tulio Milman

### Comitê Curatorial

Agnaldo Farias  
Fábio Coutinho  
Icleia Borsa Cattani  
Jacques Leenhardt  
José Paulo Soares Martins

### Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann  
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna  
Pedro Paulo de Sá Peixoto

### Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Schwartzmann  
Ricardo Russowski  
Volmir Luiz Giglioli

### Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

### Gestão Cultural

Pedro Mendes

### Equipe Cultural

Adriana Boff  
Carina Dias de Borba  
Laura Cogo  
Anna Mondain-Monval

### Equipe Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert  
Alexandre Demetrio  
Gustavo Possamai  
José Marcelo Lunardi

### Equipe Educativa

Camila Monteiro Schenkel  
Michel Flores

### Mediadores

Ana Carolina Klacewicz  
André Sant'Anna Günther  
Bruno Salvaterra Treiguer  
Carolina Bouvie Grippa  
Caroline Cantelli  
Chana de Moura  
Denise Walter Xavier  
Fernanda Bastos Vieira  
Fernanda Feldens  
Luiza Bairros Rabello da Silva  
Maria Teresa Almeida Weber  
Tomás Culleton

### Equipe de Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky  
Clarissa Reschke Martins  
Lucia Marques Xavier

### Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna  
Thais Leidens

### Site e redes Sociais

Adriana Martorano  
Laura Schuch

### Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

### Equipe Administrativo-Financeira

José Luis Lima  
Carlos Huber  
Carolina Miranda Dorneles  
Joice de Souza  
Margarida Aguiar  
Maria Lunardi  
Pedro Fanti  
Ricardo Pfeifer Cruz  
Roberto Ritter  
William Camboim da Rosa

### Gestão de Parcerias

Michele Loreto Alves

### Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

### TI Informática

Marcio Jose Schmitt – ME

### Manutenção Predial

Newton Tomaz  
TOP Service

### Segurança

Elio Fleury  
Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

### Estacionamento

Safe Park

### Cafeteria

Press Café

### Loja

D'arte

Av. Padre Cacique 2.000  
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil  
tel [55 51] 3247-8000  
www.iberecamargo.org.br

Agendamento: [55 51] 3247-8001  
agendamento@iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo,  
entre em contato:  
tel [55 51] 3247-8000  
institucional@iberecamargo.org.br

### Material Didático

#### Concepção

Camila Monteiro Schenkel  
Michel Flores

#### Textos

Ana Carolina Klacewicz  
Camila Monteiro Schenkel  
Luiza Bairros Rabello da Silva  
Maria Teresa Almeida Weber

#### Projeto Gráfico e Diagramação

Adriana Tazima

#### Tratamento de Imagem

clickPRO Digital

#### Impressão

Gráfica Pallotti

#### Tiragem

400 unidades



Patrocínio



GERDAU



évora  
holding company

Apoio



Realização

Ministério da  
Cultura

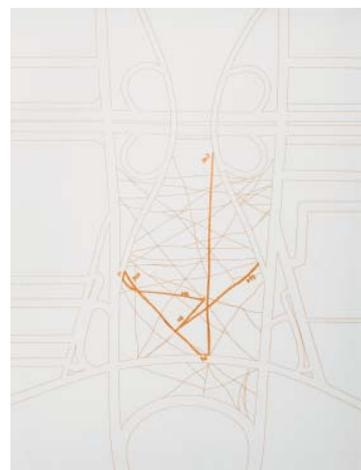
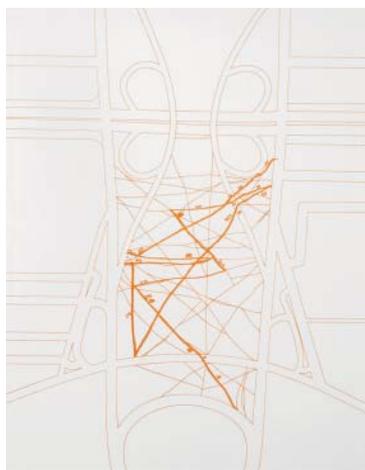


**LIBERD**  
**ADE**      **EM MOVIMENTO**



## CLARISSA TOSSIN

*Brasília by foot/ Brasília a pé*, 2009  
impressão à jato de tinta e serigrafia com tinta de terra de Brasília  
45,5 x 35,5cm e 76 x 51 cm  
cortesia da artista e Sicardi Gallery  
foto: Logan Sebastian Beck



### Para pensar

Converse com os alunos sobre a cidade em que eles moram. Que áreas favorecem a circulação dos pedestres? Em que espaços há dificuldade de circulação? Há lugares nos quais os pedestres precisaram abrir os próprios caminhos em meio a condições adversas, transformando a paisagem?

## CLARISSA TOSSIN

Nascida em Porto Alegre, Clarissa Tossin passou a infância em Brasília. Depois de cursar artes visuais na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, estudou no California Institute of the Arts, nos Estados Unidos, onde mora atualmente. Seus trabalhos em fotografia, vídeo, performance e instalação envolvem elementos urbanos e cotidianos que muitas vezes passam despercebidos. A artista, que considera a arquitetura “uma manifestação da identidade, ideologia e poder econômico”, se interessa por “investigar as estruturas invisíveis da modernidade, da vida urbana e do capitalismo”.<sup>1</sup>

Em *Brasília a pé*, Tossin se debruça sobre os conflitos estabelecidos entre a utopia modernista que guiou o traçado de Brasília e a escala humana. Seu ponto de partida é uma fotografia aérea de uma área verde da cidade, localizada entre seis rodovias. Apesar de sua grande extensão, o local conta com apenas algumas árvores espaçadas, tornando-se, no calor de Brasília, uma área inóspita. A imagem revela, ainda, um elemento não planejado na paisagem: linhas terrosas em múltiplas direções, criadas pelos pedestres que precisam atravessar a área. Clarissa tomou essa fotografia como um mapa de um caminho a percorrer, repetindo os percursos marcados no solo. A seguir, reproduziu esses trajetos em serigrafias utilizando uma tinta feita com a terra de Brasília. O título de cada uma das gravuras é o número de passos realizados pela artista para percorrer o trajeto. Em um diálogo entre paisagem, corpo e desenho, Tossin revela tensões entre o espaço urbano e a experiência humana.

<sup>1</sup> Disponível em <<http://abstractioninaction.com/clarissa-tossin/>>.





**ALLORA E CALZADILLA**

*Landmarks (Footprints)*, 2002  
24 fotografias em digital c-print  
51 x 61 cm  
cortesia dos artistas e da Lisson Gallery  
foto: Allora e Calzadilla

**ALLORA E CALZADILLA**

O casal de artistas Jennifer Allora e Guillermo Calzadilla vive e trabalha na cidade de San Juan, Porto Rico. Desde o começo de sua colaboração, em 1995, a dupla procura criar um ambiente de tensão e crítica, tratando de temas como autoria, nacionalidade, fronteiras e democracia. Suas obras questionam também nossos modelos de representação e o modo como tentam dar conta da sociedade atual.

Na obra *Landmarks (Footprints)*, Allora e Calzadilla produziram uma série de solas de plástico para encaixar nos sapatos de manifestantes da pequena ilha de Vieques, em Porto Rico. O local foi base militar dos Estados Unidos entre 1941 e 2003, sendo frequentemente utilizado para testes de armas.<sup>1</sup> Gravadas com mensagens de protesto produzidas pela própria população, essas solas traziam escritos como “fuera la marina”. Assim, ao caminharem, os manifestantes deixavam no chão um rastro com suas reivindicações. Cada vez que um teste de armas era realizado em uma região da ilha, as autoridades deviam anunciá-lo e isolar a área. No entanto, caso algum civil penetrasse no local, por lei, o exército era obrigado a encerrar o bombardeio. Assim, as solas de Allora e Calzadilla passavam a ter um duplo significado de protesto, um contido nas palavras inscritas no chão e outro contido na própria atitude de se caminhar em direção às áreas restritas. “Deixar uma marca ou um rastro na areia queria dizer contestar, recusar e atacar criticamente o significado ‘oficial’ do lugar”.<sup>2</sup>

1 As operações norte-americanas no local, marcadas por testes de armas, resultaram em uma série de degradações ambientais, expropriações de terra e conflitos entre militares e civis. A campanha de desobediência civil empreendida por seus habitantes, da qual o trabalho de Allora e Calzadilla fez parte, levou à retirada dos militares em 2003. Até hoje, cobra-se dos responsáveis a recuperação da área.

2 ALLORA e CALZADILLA *apud* VISCONTI, Jacopo Crivelli. *Novas derivas*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 190.

**Para pensar**

Como qualquer pegada, as marcas produzidas pelas solas criadas por Allora e Calzadilla podem ser rapidamente apagadas. Converse com a turma sobre a ideia que os alunos têm de uma obra de arte. Onde podemos encontrá-las? Quanto tempo elas duram? Com que tipo de materiais costumam ser feitas? *Landmarks (Footprints)* assemelha-se a esses parâmetros? O que os alunos consideram como o trabalho de Allora e Calzadilla, a ação dos manifestantes com as solas ou as fotografias que depois são expostas em museus?





**ANDRÉ SEVERO**

*Migração*, 2002-2003

registros de ação em filme e fotografias

dimensões variáveis

cortesia do artista

fotos: Claudia Vieira/ Maria Helena Bernardes/ Paula Krause

**ANDRÉ SEVERO**

A partir de uma série de viagens realizadas pelo interior do Rio Grande do Sul, André Severo e Maria Helena Bernardes criaram o *Projeto Areal* em 2000. *Areal* toma a imensidão dos campos, da água e da areia da metade sul do estado como símbolos dos limites cada vez mais imprecisos da arte na contemporaneidade. A iniciativa envolve tanto o incentivo à produção de artistas convidados quanto à publicação de livros que permitem a circulação de sua produção e de suas reflexões fora do circuito artístico institucional.

Entre as ações realizadas por Severo no projeto está *Migração*, iniciada em 2001, quando o artista decidiu cavar doze buracos em seu ateliê. Ao longo de um ano, Severo se deslocou entre doze municípios do Rio Grande do Sul, escolhidos com base em vínculos afetivos ou ainda em referenciais de trabalho. Em cada local visitado, Severo escavava novos buracos, que eram por sua vez preenchidos com os resíduos das escavações realizadas no lugar anterior. Além de transplantar o solo de uma cidade para a outra, o artista também guardava um saco com a terra de cada local visitado. O ciclo migratório encerrou-se em 2002, quando Severo fechou os buracos em seu ateliê com o material coletado ao longo das viagens. Ao finalizar o processo, enterrou também as obras que guardava no local, desfazendo-se do espaço.

Em vez de produzir objetos, a experiência de Severo baseou-se na rotina de viajar, escavar, remover, transportar e enterrar. A partir desse momento, sua produção artística desligou-se do contexto de museus e galerias para se desdobrar em diferentes registros e reflexões, seja por meio de textos, relatos orais, vídeos ou fotografias. Para o artista, somos peregrinos em estado de subsistência, acomodados a rotinas estáveis, mas “sabemos que existe um campo inaudito a nossa frente; um terreno que talvez jamais possa ser conhecido em sua totalidade; um caminho vasto onde, a cada novo passo que damos, vemos abrir-se um número infinito de novos caminhos, de novos mistérios, de novos fundamentos, de novas declinações, de novas conexões, de novas confabulações.”<sup>1</sup>

**Para pensar**

Converse com a turma sobre a ideia de migração. Em geografia, por exemplo, migração corresponde à mobilidade espacial da população, migrar é trocar de país, de estado, região ou até de domicílio. É um processo comum desde o início da história da humanidade e ocasionado por diferentes motivos: industrialização, busca por melhores condições de vida, guerras, etc. O que pode ter levado André Severo a realizar *Migração*?

Assim como no processo de André Severo, que retira material, mas também acrescenta um novo resíduo ao local escavado, as migrações humanas também “transportam” de um lugar para outro hábitos e manifestações culturais. Quais são as marcas das migrações que podemos perceber em nossa cultura? Que contribuições esses deslocamentos trouxeram para nossa linguagem, indumentária, música, culinária, etc.?

1 SEVERO, André. *Consciência errante*. São Paulo: Escrituras, 2004, p. 12.



Go to Bayt Lahia and bring me a photo of my family, especially my brother's kids.

I have been studying at Birzeit University for the past 3 years, and I have not been allowed to go to Gaza and see my family. I have no permission to be in the West Bank as a Gazan, so I am confined to Bir Zeit until I finish my studies.

- Rizek  
Born in Bayt Lahia, living in Bir Zeit  
Palestinian Passport and Gazan I.D. card  
Father and Mother from Bayt Lahia

Note: His family was so happy that I would be able to bring him lemons and strawberries from their back, so they took me to their fields and we picked lemons and strawberries for him. I also carried back to him his mother made, and a pair of boots, two beds, and some rain.

إنهبي إلى بيت لاهيا واحضري لي صورة لعائلتي خاصة لأولاد أخي.

أدرس في بير زيت منذ ثلاث سنوات. ولم يسمح لي بالذهاب إلى غزة لزيارة عائلتي. كما أنني بصفتي غزينا فليس لدي تصريح للبقاء في الضفة الغربية، وعليه فأنا محاصرة في بير زيت حتى الإنتهاء من دراستي.

- رزق  
من مواليد بيت لاهيا، ويعيش في بير زيت  
جواز سفر فلسطيني و هوية غزة  
الأب والأم من بيت لاهيا

عائلته قد سعيدة جدًا لأنه يمكنه جلب لي الحمضيات والفواكه من خلفنا، لذلك أخذناهم إلى حقولهم وجمعنا لهم الحمضيات والفواكه. كما أنني أخذت له بعض من أمهاتنا، وفتحة، وحصانين وبعض الملابس.



## EMILY JACIR

*Where We Come From*, 2001-2003 (detalhe *Rizek*)  
passaporte norte-americano, 30 textos, 32 c-prints  
e 1 vídeo, dimensões variáveis

© Emily Jacir,  
cortesia Alexander and Bonin, New York  
foto: Bill Orcutt

## EMILY JACIR

Acostumada com uma vida em trânsito, a artista palestina Emily Jacir passou a infância na Arábia Saudita, a adolescência na Itália e o início da vida adulta nos Estados Unidos, onde estudou arte na University of Dallas e no Memphis College of Art. Atualmente, vive entre Ramallah, na Palestina, e Nova Iorque. Jacir trabalha com diferentes linguagens, como vídeo, fotografia, instalações e performance. Sua obra lida com questões de identidade, territorialidade, exílio e deslocamento, revelando o impacto das ações israelenses no cotidiano dos palestinos.

Em *Where We Come From*, um de seus trabalhos mais conhecidos, a artista utilizou os benefícios proporcionados por seu passaporte norte-americano para realizar ações que outros palestinos, impedidos de circular livremente pelo território controlado por Israel, não poderiam fazer. Jacir perguntou a mais de 30 pessoas o que gostariam que ela fizesse por elas, em qualquer lugar da Palestina. Os pedidos envolveram tarefas como pagar uma conta de luz e visitar um túmulo em Jerusalém, acender uma vela em Haifa e jogar futebol com uma criança palestina. Cada ação foi registrada por meio de fotos e um texto em inglês e árabe relatando o que foi executado e os motivos que impediam o solicitante de realizar a ação.<sup>1</sup> Como aponta Edward Said, o trabalho reduz o complicado conflito entre Israel e Palestina a uma questão simples e humana. As obras de Jacir “escorregam por entre as redes da burocracia e das fronteiras não negociáveis, pelo tempo e pelo espaço, em busca de objetos prosaicos e gestos simples em vez de sonhos grandiosos”.<sup>2</sup>

## Para pensar

Em *Where We Come From* Emily Jacir ajuda pessoas em uma área de conflito a realizar ações simples que elas não poderiam fazer por si próprias. São pequenos favores que permitem que essas pessoas se sintam mais próximas de sua família, história e terra natal. Converse com a turma sobre os favores que prestamos e recebemos em nosso dia a dia. Qual foi a última vez que eles ajudaram ou receberam a ajuda de alguém? O que eles pediriam para um amigo de outra cidade fazer em seu lugar?

1 Disponível em <<http://electronicintifada.net/content/exhibiting-politics-palestinian-american-artist-emily-jacir-talks-about-her-work/5295>>

2 SAID, Edward. “Emily Jacir: Where We Come From”. *Grand Street*, n 72. Disponível em: <http://www.grandstreet.com/gissues/g72/g72d.html>





**FRANCIS ALÿS**

*Sometimes Making Something Leads to Nothing*, 1997  
vídeo documental de uma ação, Cidade do México, 4:59 min  
cortesia David Zwirner, New York/ London

**FRANCIS ALÿS**

Antes de tornar-se um artista visual, Francis Alÿs estudou engenharia no Institut d'Architecture de Tournai, Bélgica, e história da arquitetura no Istituto Universitario di Architettura di Venezia, Itália. Em 1986 transferiu-se para a Cidade do México, onde mora até hoje. Impactado pela mudança, Alÿs começou a produzir trabalhos artísticos. Caminhar transformou-se em uma de suas principais ferramentas de trabalho, possibilitando uma forma de inserção e de criação de situações na maior cidade do mundo. Andar, para Alÿs, é uma atividade barata que permite ao mesmo tempo foco e devaneio, uma maneira de “manter os pés na realidade”.<sup>1</sup>

As obras do artista envolvem intervenções físicas e simbólicas no espaço urbano que são documentadas e exibidas em diferentes meios, como vídeo, fotografias, textos, cartões-postais, pinturas e desenhos. Entre as questões políticas e sociais que guiam sua produção estão os paradoxos das grandes cidades latino-americanas e as zonas de fronteira em áreas em conflito. Em *Sometimes Making Something Leads to Nothing*, Alÿs empurrou um bloco de gelo pelas ruas da Cidade do México. Em contato com o sol e o calor do asfalto, o grande volume foi derretendo até se tornar, cerca de nove horas depois,<sup>2</sup> uma pequena pedra de gelo que podia ser movida com a ponta dos pés. As ações do artista são temporárias e podem muitas vezes passar despercebidas. Em *Sometimes Making Something Leads to Nothing*, por exemplo, o que restou de seu trabalho foi apenas um rastro de água que logo desaparecem. “Penso que o artista pode intervir ao provocar uma situação na qual inesperadamente você se distancia da vida cotidiana e começa a olhar as coisas novamente por outra perspectiva – mesmo que seja só por um instante”.<sup>3</sup>

**Para pensar**

Andar sem rumo, sem objetivos práticos, pode ser visto como uma maneira de escapar da lógica que rege a sociedade em que vivemos, que procura sempre otimizar o tempo e o trabalho. Converse com os alunos sobre as caminhadas que eles realizam em seu dia a dia. Todas têm objetivos determinados e duração cronometrada? Eles já experimentaram andar sem rumo e sem controlar o tempo? Em que situações isso costuma ocorrer? Como foram essas experiências?

*Sometimes Making Something Leads to Nothing*, em tradução livre para o português, pode ser chamada de “Às vezes fazer alguma coisa não leva a nada”. Que relações os alunos estabelecem entre o título da obra e a ação realizada por Alÿs? Eles concordam que o gesto do artista não levou a nada? Se por um lado às vezes fazer alguma coisa não leva a nada, por outro, às vezes não fazer nada pode nos levar a alguma coisa. Convide a turma a pensar em exemplos de seu dia a dia que ilustrem esses dois tipos de situação.

1 BELCOVE, Julie. “Walkabout.” *The New Yorker* (January 7, 2013). Disponível em: <http://www.davidzwirner.com/wp-content/uploads/2013/01/130107-FA-The-New-Yorker-Belcove1.pdf>bid.

2 Ibid.

3 ALÿS, Francis. “Walking the Line: Francis Alÿs interviewed by Anna Dezeuze”. *Art monthly*, Londres, nº 323, fevereiro de 2009, p. 3.

